
JIDDU KRISHNAMURTI

A ESSÊNCIA DO ENSINO DE K. ESTÁ CONTIDA NA DECLARAÇÃO FEITA POR ELE EM 1929, QUANDO DISSE: “A VERDADE É UMA TERRA SEM CAMINHO. O HOMEM NÃO CHEGARÁ A ELA ATRAVÉS DE ORGANIZAÇÃO ALGUMA, DE QUALQUER CRENÇA DE NENHUM DOGMA, DE NENHUM SACERDOTE OU MESMO UM RITUAL, E NEM ATRAVÉS DO CONHECIMENTO FILOSÓFICO OU DA TÉCNICA PSICOLÓGICA. ELE TEM QUE DESCOBRI-LA ATRAVÉS DO ESPELHO DAS RELAÇÕES, POR MEIO DA COMPREENSÃO DO CONTEÚDO DA SUA PRÓPRIA MENTE, MEDIANTE A OBSERVAÇÃO, E NÃO PELA ANÁLISE OU DISSECAÇÃO INTROSPECTIVA. O HOMEM TEM CONSTRUÍDO IMAGENS EM SI PRÓPRIO, COMO MUROS DE SEGURANÇA - IMAGENS RELIGIOSAS, POLÍTICAS, PESSOAIS. ESTAS SE MANIFESTAM COMO SÍMBOLOS, IDÉIAS, CRENÇAS. O PESO DESSAS IMAGENS DOMINA O PENSAMENTO DO HOMEM, AS SUAS RELAÇÕES E A SUA VIDA DIÁRIA. TAIS IMAGENS SÃO AS CAUSAS DE NOSSOS PROBLEMAS, POIS ELAS DIVIDEM OS HOMENS. A SUA PERCEPÇÃO DA VIDA É FORMADA PELOS CONCEITOS JÁ ESTABELECIDOS EM SUA MENTE. O CONTEÚDO DE SUA CONSCIÊNCIA É A SUA CONSCIÊNCIA TOTAL. ESTE CONTEÚDO É COMUM A TODA HUMANIDADE. A INDIVIDUALIDADE É O NOME, A FORMA E A CULTURA SUPERFICIAL QUE O HOMEM ADQUIRE DA TRADIÇÃO E DO AMBIENTE. A SINGULARIDADE DO HOMEM NÃO SE ACHA NA SUA ESTRUTURA SUPERFICIAL, PORÉM NA COMPLETA LIBERTAÇÃO DO CONTEÚDO DE SUA CONSCIÊNCIA, COMUM A TODA HUMANIDADE. DESSE MODO ELE NÃO É UM INDIVÍDUO.

A LIBERDADE NÃO É UMA REAÇÃO, NEM TÃO POUCO UMA ESCOLHA. É PRETENSÃO DO HOMEM PENSAR SER LIVRE POR QUE PODE ESCOLHER. LIBERDADE É OBSERVAÇÃO PURA SEM DIREÇÃO, SEM MEDO DE CASTIGO OU RECOMPENSA. A LIBERDADE NÃO TEM MOTIVO: ELA NÃO SE ACHA NO FIM DA EVOLUÇÃO DO HOMEM E SIM, NO PRIMEIRO PASSO DE SUA EXISTÊNCIA. MEDIANTE A OBSERVAÇÃO COMEÇAMOS A DESCOBRIR A FALTA DE LIBERDADE. A LIBERDADE RESIDE NA PERCEPÇÃO, SEM ESCOLHA, DE NOSSA EXISTÊNCIA, DA NOSSA ATIVIDADE COTIDIANA.

O PENSAR É TEMPO. ELE NASCE DA EXPERIÊNCIA E DO CONHECIMENTO, COISAS INSEPARÁVEIS DO TEMPO E DO PASSADO. O TEMPO É O INIMIGO PSICOLÓGICO DO HOMEM. NOSSA AÇÃO BASEIA-SE NO CONHECIMENTO, PORTANTO, NO TEMPO, E DESSE MODO, O HOMEM É UM ETERNO ESCRAVO DO PASSADO. O PENSAMENTO É SEMPRE LIMITADO E, POR CONSEQUENTE, VIVEMOS EM CONSTANTE CONFLITO E NUMA LUTA SEM FIM. NÃO EXISTE EVOLUÇÃO PSICOLÓGICA.

QUANDO O HOMEM SE TORNAR CONSCIENTE DOS MOVIMENTOS DOS SEUS PRÓPRIOS PENSAMENTOS, ELE VERÁ A DIVISÃO ENTRE O PENSADOR E O PENSAMENTO, ENTRE O OBSERVADOR E A COISA OBSERVADA, ENTRE AQUELE QUE EXPERIMENTA E A COISA EXPERIMENTADA. ELE DESCOBRIRÁ QUE ESTA DIVISÃO É UMA ILUSÃO. SÓ ENTÃO HAVERÁ OBSERVAÇÃO PURA, SIGNIFICANDO ISSO PERCEPÇÃO SEM QUALQUER SOMBRA DO PASSADO OU DO TEMPO. ESTE VISLUMBRE ATEMPORAL PRODUZ UMA PROFUNDA E RADICAL MUTAÇÃO EM NOSSA MENTE.

A NEGAÇÃO TOTAL É A ESSÊNCIA DO POSITIVO. QUANDO HÁ NEGAÇÃO DE TODAS AQUELAS COISAS QUE O PENSAMENTO PRODUZ PSICOLÓGICAMENTE, SÓ ENTÃO EXISTE O AMOR, QUE É COMPAIXÃO E INTELIGÊNCIA.”

(Esta exposição foi originalmente escrita pelo próprio Krishnamurti, em 21 de outubro de 1980, publicada no livro "Krishnamurti: Os Anos de Realização", de Mary Luthyens)



Sobre a Dúvida:

Se convidarem a dúvida a entrar em seu coração e em sua mente e se acompanharem essa dúvida por todos os seus avenidas e sombras da mente e do coração e incansavelmente escutarem e examinarem todas as coisas, então, o que permanecer será de seu próprio conhecimento, e, portanto, o absoluto, o eterno.

Existe contradição de idéias, de teorias, há confusão criada pelas constantes afirmações dos dirigentes, a respeito do que é e do que não é. ...Empilha-se teoria sobre teoria, incerteza sobre incerteza, afirmação sobre afirmação. O resultado de tudo isto é que o indivíduo fica integralmente incerto; ou então, o indivíduo fica tão cercado, tão limitado por conceitos e formas de crenças particulares, que recusa ponderar sobre o que realmente é verdadeiro. Ou ficam incertos, confusos, ou ficam certos em sua crença, em sua forma particular de pensamento. Para o homem que está verdadeiramente incerto, há esperança; para o homem, porém, que está incrustado na crença, naquilo que ele chama intuição, há muito pouca esperança, pois fechou a porta à incerteza, à dúvida, e acha repouso e consolação na segurança.

Esse estado vital de incerteza, isento do desejo de a ele escapar, é o início de toda a verdadeira busca da realidade.

(Ojai, E.U.A., 1936; Omen, Holanda, 1937/38)

Sobre a Meditação:

O homem para se evadir dos seus conflitos, tem inventado muitas formas de "meditação". Estas têm por base o desejo, a vontade e a ânsia de conseguir algo, o que implica conflito e uma luta para chegar. Este esforço consciente, deliberado, realiza-se sempre dentro dos limites de uma mente condicionada, e nesta não existe liberdade. Todo o esforço para meditar é contrário à meditação. A meditação vem com o cessar do pensamento. E só então se revela uma dimensão diferente, que está além do tempo.

A meditação é uma das maiores artes da vida – talvez 'a' maior, e não é possível aprendê-la de alguém. Nisso reside a sua beleza. Não está sujeita a nenhuma técnica, e portanto a nenhuma autoridade. Aprendermos a respeito de nós mesmos, observando-nos, vendo o modo como andamos, como comemos, reparando no que dizemos, nas conversas fúteis e maldizentes, na inimizade, no ciúme... – estarmos atentos a tudo isto, em nós mesmos, sem qualquer escolha, faz parte da meditação. Assim, a meditação pode acontecer quando estamos sentados num carro ou passeamos nos bosques cheios de luz e sombras, quando escutamos o canto das aves, quando olhamos o rosto da nossa mulher ou do nosso filho.

Se nos esforçarmos por meditar, não estamos a meditar. Se nos esforçamos por sermos bons, a bondade não floresce. Se cultivamos a humildade, ela fica ausente. A meditação é a brisa que entra quando deixamos a janela aberta; mas se deliberadamente a mantemos aberta, com o propósito de atrair a brisa, ela não aparece.

A meditação é a ação do silêncio.

(Meditações – Editorial Presença, Portugal, 1999)

Sobre a Educação:

O que atualmente chamamos educação é um processo que consiste em acumular informações e conhecimentos, tirados dos livros, o que qualquer pessoa que saiba ler pode conseguir. Uma educação desta espécie oferece-nos uma forma sutil de fuga de nós mesmos e (...) cria inevitavelmente, sofrimentos cada vez maiores.

O homem que não estudou pode ser mais inteligente do que o erudito. Fizemos de exames e diplomas critério de inteligência e desenvolvemos mentes muito sagazes, que evitam os problemas humanos vitais. Inteligência é a capacidade de perceber o essencial, o que é; despertar essa capacidade, em si próprio e nos outros: eis em que consiste a educação.

O objetivo da educação não é o de produzir meros letrados, técnicos e caçadores de empregos, mas homens e mulheres integrados, livres de todo o temor; porque só entre tais entes humanos pode haver paz perene.

O homem ignorante não é o homem sem instrução, mas aquele que não conhece a si mesmo; e o homem intelectualmente culto é estúpido quando crê que os livros, o saber e a autoridade lhe podem dar a compreensão.

(A educação e o significado da vida – Editora Cultrix, São Paulo, 1969)



CAROS AMIGOS, COMUNICAMOS AS DATAS DAS APRESENTAÇÕES DE VÍDEOS DO PENSADOR E EDUCADOR J. KRISHNAMURTI E REUNIÕES DE ESTUDO NESTE PRIMEIRO SEMESTRE:

		REUNIÕES	PALESTRAS EM VÍDEO
❖	MARÇO	1	15
❖	ABRIL	5	26
❖	MAIO	10	31
❖	JUNHO	7	21

Local: BIBLIOTECA MUNICIPAL INFANTO-JUVENIL VIRIATO CORRÊA

Rua SENA MADUREIRA, 298, - tel (11) 5573-4017 (próximo ao metrô VILA MARIANA)

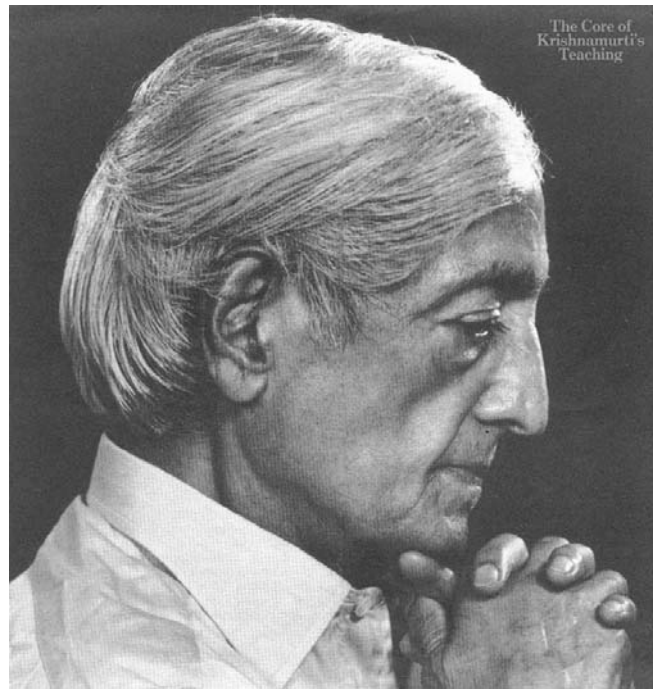
Horário: 14:30h – Sábado

Informações: CARLO: (11) 5573-7719 ou LAERTE: (11) 3885-8841, ou pelo email jkrishnamurti@terra.com.br

ENTRADA FRANCA
SUA PRESENÇA É SEMPRE BEM VINDA
SP,SP – fevereiro/2008

* Visite a homepage da **ICK – INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI** – entidade oficial no Brasil responsável pela divulgação e difusão de suas obras. (WWW.KRISHNAMURTI.ORG.BR).

IF WE COULD TAKE A JOURNEY



If we could take a journey, make a pilgrimage together, without any intent or purpose, without seeking anything, perhaps on returning we might find that our hearts had unknowingly been changed. I think it worth trying. Any intent or purpose, any motive or goal, implies effort – a conscious or unconscious endeavor to arrive, to achieve. I would like to suggest that we take a journey together in which none of these elements exist. If we can take such a journey, and if we are alert enough to observe what lies along the way, perhaps when we return, as all pilgrims must, we shall find that there has been a change of heart; and I think this would be much more significant than inundating the mind with ideas, because ideas do not fundamentally change human beings at all. Beliefs, ideas, influences may cause the mind superficially to adjust itself to a pattern; but, if we can take the journey together without any purpose and simply observe as we go along the extraordinary width and depth and beauty of life, then out of this observation may come a love is not merely social, environmental, a love in which there is not the giver and the taker, but which is a state of being, free of all demand...

This journey I am proposing that we take together, is not to the moon, or even to the stars. The distance to the stars is much less than the distance within ourselves. The discovery of ourselves is endless, and it requires constant inquiry, a perception which is total, an awareness in which there is no choice. This journey is really an opening of the door to the individual in his relationship with the world...

So, the understanding of ourselves is not to the end of individual salvation, it is not the means of attaining a private heaven, a ivory tower into which to retire with our own illusions, beliefs, gods. On the contrary, if we are able to understand ourselves, we shall be at peace, and then we shall know how to live rightly in a world that is now corrupt, destructive, brutal.

– J. Krishnamurti

A Dissolução da Ordem da Estrela

(discurso pronunciado por Jiddu Krishnamurti em 27 de julho de 1929, Ommen, Holanda, publicado no periódico A Estrela e no Boletim Ano II No. 8 e 9 Agosto e Setembro de 1929, editados pela Instituição Cultural Krishnamurti - Rio de Janeiro – Brasil. www.krishnamurti.org.br)

Vamos discutir, esta manhã, a dissolução da Ordem da Estrela. Muitas pessoas ficarão contentíssimas, outras tristes. Não é um assunto nem para regozijo nem para tristeza, porque é inevitável, como vou expor.

Deveis, talvez, lembrar-vos da história em que se diz que o diabo e um amigo caminhavam por uma rua e, em dado momento, viram um homem a sua frente que apanhou algo do chão, contemplou-o e meteu-o no bolso. O amigo perguntou ao demônio: “O que é que esse homem apanhou?” “Um pedaço da Verdade”, disse o diabo; “Então, isto é um mau negócio para você”, retrucou o amigo. “Oh, não, absolutamente”, retrucou o demônio, “eu vou ajudar a organizá-lo.”

Eu sustento que a Verdade é uma terra sem caminhos e dela não podereis vos aproximar por nenhum caminho, por nenhuma religião, por nenhuma seita. É este o meu ponto de vista e à ele adiro de modo absolutamente incondicional. A Verdade, sendo sem limites, incondicionada, inacessível por qualquer caminho, qualquer que ele seja, não pode ser organizada: nem instituição alguma deve ser formada para guiar ou coagir as pessoas a seguirem por um caminho particular qualquer. Se entendeis isto, primeiramente, então vereis como é impossível organizar uma crença. Uma crença é uma questão puramente individual e não podeis nem deveis organizá-la. Se o fizerdes, ela se tornará morta, se cristalizará, tornar-se-á um credo, uma seita, uma religião para ser imposta aos outros. É isto que cada qual, no mundo inteiro, está tentando fazer. A Verdade é reduzida e tornada um brinquedo para aqueles que são fracos e para aqueles que se encontram momentaneamente descontentes.

A Verdade não pode ser trazida para baixo, mas o indivíduo necessita fazer o esforço para elevar-se até ela. Não podeis trazer o cimo da montanha para o vale. Se quiserdes atingir o cimo da montanha, tendes que passar através do vale, subir gradativamente, sem vos atemorizardes com os perigosos precipícios. Tendes que subir para a Verdade, ela não pode ser trazida para baixo ou organizada para vós. O interesse em idéias é sustentado principalmente pelas instituições, porém as instituições somente despertam o interesse superficial. O interesse que não nascer do amor à Verdade, pelo seu próprio valor, e que, ao contrário, surgir de uma instituição, não tem nenhum valor. A instituição torna-se uma moldura na qual os membros podem adaptar-se convenientemente. Eles não mais se esforçam por alcançar a Verdade ou o cume da montanha, porém, pelo contrário, cavam para si um nicho conveniente, no qual se colocam ou deixam que a instituição os coloque, e consideram que, por esse modo, a instituição os levará à Verdade.

Assim, esta é a primeira das razões, sob meu ponto de vista, pelas quais a Ordem da Estrela deve ser dissolvida. A despeito disto, vós, provavelmente, vireis a formar outras ordens, continuareis a pertencer a outras instituições que busquem a Verdade. Eu não quero pertencer a instituição alguma de natureza espiritual, entendi isto, eu vos peço. Eu utilizaria uma instituição que me conduzisse a Londres, por exemplo; este é um tipo de instituição inteiramente diferente, puramente mecânica, semelhante a um poste de telégrafo. Farei uso de um automóvel ou de um vapor para viajar, pois são apenas mecanismos físicos que nada têm a ver com a espiritualidade. Asseguro, mais uma vez, que nenhuma instituição pode conduzir o homem à Espiritualidade.

Se uma instituição for criada com esse propósito, se torna uma muleta, uma debilidade, uma prisão, que necessariamente deixa o indivíduo inválido e o impede de crescer, de estabelecer a sua singularidade,

que está na descoberta por si próprio da absoluta e incondicionada Verdade. Assim, pois, dado o fato de ser eu o Chefe da Ordem, resolvi dissolvê-la. Ninguém me persuadiu a tomar esta decisão.

Isto não é um ato magnífico; é porque eu não quero seguidores e digo-o francamente. A partir do momento que segues a alguém, cessas de seguir a Verdade. Não me preocupa se prestais atenção ou não ao que eu digo. Pretendo fazer certa coisa no mundo e vou fazê-la com inabalável concentração. Somente me preocupo com uma coisa que é essencial: libertar o homem. Desejo libertá-lo de todas as gaiolas, de todos os temores, e não fundar novas religiões, novas seitas, nem estabelecer novas teorias, novas filosofias. Então, naturalmente, perguntar-me-eis porque percorro o mundo falando continuamente. Dir-vos-ei porque razão faço isto: não é porque eu queira fazer proselitismo nem por desejar um grupo separado de discípulos especiais.

(Como os homens gostam de ser diferentes de seus semelhantes, por mais ridículas, absurdas e triviais que sejam estas diferenças! Pois eu não quero encorajar esse absurdo). Não tenho discípulos, não tenho apóstolos, seja na terra ou seja nos reinos da espiritualidade.

Não é também a ilusão do dinheiro nem o desejo de viver uma vida confortável que me atrai. Se quisesse viver uma vida cômoda não viria para um Acampamento ou viver num país úmido! Falo francamente, pois desejo que isto fique bem estabelecido de uma vez por todas. Não quero que se perpetuem, ano após ano, estas discussões infantis.

Um repórter de jornal que me entrevistou considerou um ato grandioso dissolver uma instituição na qual existem milhares de membros. Para ele era um grande ato, e disse: “O que fareis depois, como haveis de viver? Não tereis mais seguidores, o povo não vos escutará”. Se somente houver cinco pessoas que escutem e que VIVAM, que tenham suas faces voltadas para o Eterno, isto será suficiente. De que me serve possuir milhares de seguidores que não compreendam, que estejam inteiramente tomados por preconceitos, que não queiram o que é novo, porém, que ao contrário, pretendem torcer o que é novo para adaptá-lo às suas estagnantes e estéreis personalidades? Se falo assim, firmemente, por favor, não me entendais mal; não é por falta de compaixão. Se fordes a um cirurgião para ser operados, não é bondade de sua parte operar-vos, ainda que vos cause dor? Assim, de maneira semelhante, se falo diretamente, não é por falta de real afeto – ao contrário.

Como disse, tenho somente um propósito: o de tornar o homem livre, impeli-lo para a liberdade, ajudá-lo a romper com todas as limitações, pois somente isto lhe dará felicidade real, lhe dará a realização incondicionada do eu. Porque sou livre, não-condicionado, integral – não uma parte, não relativo, mas sim a Verdade inteira que é eterna – desejo que aqueles que buscam entender-me sejam livres; que não me sigam, que não façam de mim uma gaiola sob a forma de uma religião ou uma seita. Ao contrário, ser livres de todo o medo: do medo da religião, do medo da Salvação, do medo da espiritualidade, do medo do amor, do medo da morte, do medo da própria vida. Assim como um artista pinta um quadro, por encontrar deleite na pintura, pelo fato de ser isso a sua auto-expressão, a sua glória, o seu bem estar, do mesmo modo eu faço isto que estou fazendo, e não porque deseje algo, seja de quem for.

Vós estais acostumados à autoridade, ou a atmosfera da autoridade que pensais vos há de conduzir à espiritualidade. Pensais e esperais que uma outra pessoa possa, por seus extraordinários poderes – um milagre – transportar-vos para esse reino da eterna liberdade que é Felicidade. Todo o vosso ponto de vista sobre a vida encontra-se baseado na autoridade.

Tendes me escutado durante três anos, sem que mudança alguma se tenha operado em vós, exceto em muito poucos. Agora, analisai o que vos estou dizendo, sede críticos, afim de poderdes compreender completa e fundamentalmente.

Quando buscais uma autoridade para vos conduzir à espiritualidade, manifesta-se em vós, automaticamente, a tendência a constituir uma organização ao redor dessa autoridade. Pelo fato da criação

dessa instituição, que pensais, ajudará essa autoridade a vos levar à espiritualidade, sois colhidos em uma gaiola.

Se vos falo francamente, por favor lembrai-vos que não o faço por aspereza, nem por crueldade, nem pelo entusiasmo do meu propósito, porém porque necessito que entendais o que vos estou dizendo. É por esta razão que aqui estais e seria um desperdício de tempo, se não vos explicasse clara e decisivamente, o meu ponto de vista.

Durante dezoito anos vos haveis estado preparando para este acontecimento, para a Vinda do Instrutor do Mundo. Durante dezoito anos vos haveis organizado, tendes aguardado alguém que viesse dar um novo deleite aos vossos corações e mentes, que transformasse a vossa vida inteira, que vos proporcionasse um novo entendimento; por alguém que vos elevasse a um novo plano de vida, que vos desse um novo encorajamento, que vos tornasse livres e vede agora o que acontece! Considerai, raciocinai por vós mesmos e julgai de que modo esta crença vos tornou diferentes – não pela diferença superficial de ser o portador de um distintivo, o que seria trivial e absurdo. De que modo uma tal crença varreu em vós tudo na vida que não é essencial? Esta é a única maneira de julgar: de que modo sois mais livres, mais plenos, mais perigosos para todas as sociedades baseadas no falso e no não essencial? De que modo os membros desta organização da Estrela, se tornaram diferentes?

Como disse tende vos estado preparando durante dezoito anos para mim. Não me importo se acreditais ou não, que eu seja o Instrutor do Mundo. Isto é de muito pouca importância. Dado o fato de pertencerdes a Ordem da Estrela, haveis dado vossa simpatia, vossa energia ao reconhecimento de ser Krishnamurti o Instrutor do Mundo e o haveis feito parcial ou plenamente; plenamente por parte daqueles que realmente estão buscando; parcialmente, aqueles que se acham satisfeitos em suas meias verdades.

Haveis vos estado preparando durante dezoito anos, e vede quantas dificuldades surgem no caminho do vosso entendimento, quantas complicações, quantas coisas triviais. Vossos preconceitos, vossos medos, vossas autoridades, vossas igrejas novas e antigas – todas essas coisas, sustento, constituem uma barreira ao entendimento. Não posso ser mais claro do que estou sendo. Não quero que concordeis comigo, não quero que me sigam, quero que compreendais o que estou dizendo.

Este entendimento é necessário porque vossa crença não vos transformou, somente vos complicou, e isto pelo fato de não quererdes defrontar as coisas como elas são. Vós quereis ter vossos deuses pessoais – novos deuses em lugar dos velhos, novas religiões em vez das antigas, novas fórmulas substituindo as antigas – todas igualmente sem valor, todas elas barreiras, todas elas limitações, todas elas muletas. Em vez das antigas distinções espirituais, tendes novas variações espirituais, em lugar dos antigos cultos, tendes cultos novos. Todos vós dependeis, para vossa espiritualidade de uma outra pessoa, dependeis de outro para vossa felicidade e de outro dependeis para vossa iluminação; e apesar de vos haverdes estado preparando para mim durante dezoito anos, quando vos digo que todas estas coisas são desnecessárias, quando vos digo que necessitais deixá-las de lado e olhar para dentro de vós mesmos, buscando a iluminação, a glória, a purificação e a incorruptibilidade do eu, nem um de vós o quer fazer. Talvez haja uns poucos que o queiram, porém, bem poucos.

Então, por que ter uma organização?

Por que ter pessoas falsas e hipócritas seguindo-me, a mim que sou a corporificação da Verdade? Por favor, lembrai-vos, que nada estou dizendo de áspero ou desprovido de bondade, porém chegamos a uma situação em que precisamos fazer face às coisas tais quais elas são. Disse no ano passado que não condescenderia. Poucos me escutaram. Este ano tornei isto absolutamente claro. Não sei quantos milhares de pessoas, por todo o mundo – membros da Ordem – têm estado se preparando para mim, durante dezoito anos, e no entanto, não querem agora escutar, incondicional e totalmente, aquilo que eu digo.

Então, por que ter uma organização?

Como disse anteriormente, meu propósito é tornar os homens incondicionalmente livres, pois sustento que a única espiritualidade é a incorruptibilidade do si mesmo que é eterno, que é a harmonia entre a razão e o amor. Esta é a absoluta, e a incondicionada Verdade que é a própria Vida. Quero, portanto, tornar o homem livre, faze-lo regozijar-se como o pássaro nos céus límpidos, aliviado, independente, cheio do êxtase de sua liberdade. E eu, para quem vos haveis estado preparando no decorrer de dezoito anos, agora vos digo que vos deveis libertar de todas essas coisas; deveis ficar livres de todas as vossas complicações, de vossos emaranhados. Para que ter uma organização para cinco ou dez pessoas no mundo que compreendem, que estão esforçando-se e que puseram de lado todas as coisas triviais? E não pode haver uma instituição para auxiliar as pessoas deveis a encontrar a Verdade, porque a Verdade está em todos, não está longe, não está perto: está eternamente ali.

As organizações não vos podem libertar; nem o culto organizado nem a imolação de si próprio por uma causa, podem tornar-vos livres; nem vos constituirdes em uma corporação, nem o vos lançardes à realização de obras vos libertará. Você usa uma máquina de escrever para escrever cartas, mas você não a põe em um altar e lhe rende culto. Porém, é isso que acontece convosco, quando fazeis das organizações a vossa principal preocupação. “Quantos membros há nela?” Esta é a primeira pergunta que me fazem todos os repórteres. “Quantos seguidores tendes? Pelo número deles ajuizaremos se o que dizeis é falso ou verdadeiro”. Não sei quantos há. Não me preocupo com isso. Como disse, ainda que apenas haja um homem tornado livre, isto será o bastante.

Uma vez mais, alimentais a idéia falsa de que somente certas pessoas possuem a chave para o Reino da Felicidade. Ninguém a tem. Ninguém tem a autoridade para ter essa chave. Essa chave é vosso próprio ser, e somente no desenvolvimento, na purificação e na incorruptibilidade desse ser é que está o Reino da Eternidade.

Assim, haveis de verificar quão absurdo é o conjunto, a estrutura que haveis criado buscando auxílio externo, dependendo dos outros para vosso conforto, para vossa felicidade e para vossa força. Estas coisas somente podem ser encontradas dentro de vós próprios.

Então, por que ter uma organização?

Estais acostumados a que vos digam o quanto avançastes, qual o vosso status espiritual. Que infantil! Quem, senão vós próprios pode dizer se vós sois bonito ou feio por dentro? Quem, senão vós próprios pode dizer se vós sois incorruptível? Vós não sois sérios nestas questões.

Então, por que ter uma organização?

Porém, aqueles que realmente desejarem compreender, que estão buscando encontrar aquilo que é eterno, que não tem começo nem fim, caminharão juntos com maior intensidade, serão um perigo para tudo que não seja essencial, para todas as irrealidades e sombras. E se concentrarão, se tornarão a chama, pelo fato de compreenderem. Tal é o corpo que devemos criar e esse é o meu propósito. Em virtude deste entendimento real haverá verdadeira amizade. E devido a essa verdadeira amizade – que pareceis não conhecer – dar-se-á a cooperação real da parte de cada um. E isto, não por causa da autoridade, não por amor da salvação, não pela imolação por uma causa, mas em virtude de realmente compreenderdes e daí serdes capazes de viver no eterno. E isto é algo muito maior do que todo prazer, que todo sacrifício.

Assim, essas são algumas das razões pelas quais, após cuidadosa consideração por dois anos, tomei esta resolução. Não é um impulso momentâneo. Nenhuma pessoa me persuadiu a isso – não me deixo persuadir em tais coisas. Durante dois anos tenho estado pensando a este respeito, lentamente, cuidadosamente, pacientemente, e agora resolvi dissolver a Ordem, pelo fato de ser seu Chefe. Vocês podem formar outras organizações e esperar por outra pessoa. Nada tenho que ver com isso, nem com o criar de novas gaiolas ou de novas decorações para essas gaiolas. Minha única preocupação é tornar os homens absoluta e incondicionalmente livres.

Uma breve introdução ao trabalho de Jiddu Krishnamurti

(escrito por David Bohm *)

A primeira vez que entrei em contato com o trabalho de Krishnamurti foi em 1959 quando li seu livro: "A primeira e última liberdade". O que em especial despertou meu interesse foi seu profundo *insight* na questão do observador e a coisa observada. Esta questão, por muito tempo, esteve próxima do cerne do meu próprio trabalho como físico teórico, que estava interessado, especialmente, no significado da teoria quântica. Nessa teoria, pela primeira vez no desenvolvimento da Física, a noção que essas duas coisas não podem estar separadas veio sendo proposta como necessária para o entendimento das leis fundamentais da matéria em geral. Por causa disso, como também pelo livro conter muitos outros *insights* profundos, senti que era urgente para mim falar com Krishnamurti, direta e pessoalmente, tão logo fosse possível.

Quando o encontrei pela primeira vez, em uma de suas visitas a Londres, fiquei muito surpreso pela grande facilidade de comunicação com ele, que se tornou possível pela intensa energia com a qual ele escutava e pela liberação das barreiras e reservas auto-protetoras com que ele respondia ao que eu tinha a dizer. Como uma pessoa que trabalha em ciência, me senti completamente à vontade com esse tipo de resposta porque era, em essência, da mesma qualidade das que eu tinha encontrado nesses contatos com outros cientistas com os quais havia ocorrido um encontro, tão próximo, de mentes. E aí penso, principalmente, em Einstein que mostrava uma intensidade semelhante e uma ausência de barreira durante algumas conversas que aconteceram entre nós dois. Depois disso, eu comecei a encontrar Krishnamurti regularmente e conversar com ele toda vez que ele vinha a Londres.

Nós iniciamos uma associação que desde então se tornou mais próxima, assim que eu me interessei pelas escolas que foram estabelecidas por iniciativa dele. Nessas conversas nós entramos bem fundo nas muitas questões que me interessavam no meu trabalho científico. Nós exploramos a natureza do espaço e do tempo, a natureza do universal, tanto em relação a natureza externa quanto em relação à mente. Mas depois, nós prosseguimos considerando a desordem e a confusão geral que impregnam a consciência da humanidade. Foi aí que encontrei o que sinto ser a maior descoberta de Krishnamurti. O que ele estava propondo seriamente é que toda essa desordem, que é a causa-raiz de tão abrangente sofrimento e miséria, e que impede os seres humanos de trabalharem juntos apropriadamente, essa desordem tem sua raiz no fato que somos ignorantes da natureza geral dos nossos próprios processos do pensamento. Ou, colocando isso de forma diferente, pode-se dizer que não vemos o que está realmente acontecendo quando estamos ocupados na atividade de pensar. Através da atenção minuciosa e da observação desta atividade do pensamento, Krishnamurti sente que percebe diretamente que o pensamento é um processo material, que ocorre dentro do ser humano - no cérebro e no sistema nervoso como um todo.

Normalmente tendemos a prestar atenção principalmente ao conteúdo desse pensamento ao invés de prestar atenção ao modo como ele realmente acontece. Podemos ilustrar este ponto considerando o que acontece quando lemos um livro. Normalmente estamos atentos, quase que inteiramente, ao sentido do que está sendo dito. No entanto, podemos também estar conscientes do livro em si, da sua constituição feita de páginas que podem ser viradas, de palavras impressas e da tinta, da textura do papel, etc. Da mesma forma podemos estar conscientes da estrutura e função que existem no processo de pensamento, e não apenas conscientes do seu conteúdo.

Como pode acontecer esse tipo de consciência? Krishnamurti propõe que isso requer o que ele chama de meditação. Agora, a palavra meditação tem recebido uma grande variedade de significados diferentes e

mesmo contraditórios, muitos deles envolvendo formas de misticismos um tanto superficiais. Krishnamurti tem em mente uma noção clara e definida quando ele usa essa palavra. Pode-se obter uma indicação valiosa desse significado ao considerar a derivação da palavra. (As raízes das palavras, em conjunção com os significados geralmente aceitos atualmente, muitas vezes favorecem *insights* surpreendentes nos seus significados mais profundos.) A palavra meditação, em inglês, está baseada na raiz latina *med* que é medir - "medir". O significado atual da palavra é "refletir", "ponderar" (isto é, pesar ou medir), e "dar atenção minuciosa". De forma semelhante a palavra do sânscrito para meditação, que é *dhyana*, é intimamente relacionada a *dhyati*, significando "refletir". Assim, de acordo com isso, meditar seria "ponderar", "refletir", ao mesmo tempo que se dá atenção minuciosa ao que está realmente acontecendo enquanto se faz isso.

Isso talvez seja o que Krishnamurti quer dizer com o início da meditação. Quer dizer, a pessoa dá atenção minuciosa a tudo que está acontecendo em conjunção com a atividade existente do pensamento, que é a fonte subjacente da desordem geral; a pessoa faz isso sem escolha, sem criticismo, sem aceitação ou rejeição do que está acontecendo. E tudo isso ocorre junto com reflexões sobre o significado daquilo que a pessoa está aprendendo sobre a atividade do pensamento. (Talvez seja como ler um livro no qual as páginas foram misturadas e estar intensamente consciente dessa desordem, ao invés de simplesmente "tentar dar sentido" ao conteúdo confuso que surge quando a pessoa apenas aceita as páginas do jeito que elas vieram.)

Krishnamurti observou que o próprio ato da meditação irá, por si mesmo, trazer ordem à atividade do pensamento, sem a intervenção da vontade, da escolha, da decisão, ou de qualquer outra ação do pensador. Assim que essa ordem vem, o barulho e o caos, que são o *background* normal da nossa consciência, desaparecem, e a mente se torna, de modo geral, silenciosa. (O pensamento surge somente quando é necessário, para algum propósito genuinamente válido, e depois pára, até ser necessário de novo.)

Nesse silêncio Krishnamurti diz que algo novo e criativo acontece, algo que não pode ser transmitido em palavras, mas que é de significação extraordinária para o todo da vida. Assim, ele não tenta comunicar isso verbalmente, ao invés disso ele pede àqueles que estão interessados, que explorem a questão da meditação diretamente por eles mesmos, através de atenção verdadeira à natureza do pensamento.

Sem tentar entrar nesse significado mais profundo da meditação, pode-se dizer, entretanto, que a meditação, no sentido que Krishnamurti dá à palavra, pode trazer ordem ao todo da nossa atividade mental, e isso pode ser um fator-chave para trazer um fim ao sofrimento, à miséria, ao caos e à confusão que, por séculos, têm sido o destino da humanidade, e que, em geral, continua sendo, sem perspectiva visível de mudança fundamental num futuro próximo.

O trabalho de Krishnamurti é permeado pelo que pode ser chamado da essência desta abordagem científica, quando isto é considerado na sua forma mais alta e pura. Assim, ele começa de um fato, este fato sobre a natureza dos nossos processos do pensamento. Este fato é estabelecido através de uma atenção minuciosa, que envolve o escutar cuidadoso do processo da consciência, e observá-lo atenciosamente. Nisso a pessoa está aprendendo constantemente, e a partir desse aprendizado vem o *insight* dentro da natureza total e geral do processo de pensamento. Este *insight* é então testado. Primeiro, a pessoa vê se ele se sustenta numa disposição racional. E depois a pessoa vê se ele leva à ordem e à coerência, sobre o que deriva a partir dele na vida como um todo.

Krishnamurti constantemente enfatiza que ele não é, de forma alguma, uma autoridade. Ele fez certas descobertas, e estava simplesmente fazendo o melhor que podia para tornar essas descobertas acessíveis a todos aqueles que fossem capazes de escutar. Seu trabalho não contém um corpo de doutrina, nem oferece técnicas ou métodos para se obter uma mente silenciosa. Ele não visa estabelecer nenhum novo sistema de crença religiosa. Cabe a cada ser humano ver se pode descobrir por si mesmo isso que Krishnamurti está chamando de atenção, e a partir daí fazer novas descobertas por si próprio.

É claro então que uma introdução como esta pode, na melhor das hipóteses, mostrar como o trabalho de Krishnamurti é visto por uma pessoa particular, um cientista como eu. Para ver completamente o que Krishnamurti quer dizer é necessário, com certeza, prosseguir e ler o que ele realmente fala, com aquela qualidade de atenção à totalidade das respostas que se dá, interiormente e exteriormente, a qual estivemos discutindo aqui.

(*) David Bohm foi, por mais de vinte anos, professor de Física Teórica no *Birkbeck College*, Universidade de Londres. Após ter recebido seu doutorado na Universidade de Berkeley, ele ensinou e fez pesquisas na Universidade de Princeton, na Universidade de São Paulo, na Universidade de Haifa e na Universidade de Bristol.

ॐॐॐॐॐॐॐॐ